

# CARNAVAL

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Carnaval não é coisa fácil de definir. Se tivesse de explicar a um amigo estrangeiro em que consiste, na sua essência, o fenômeno que empolga a maioria dos brasileiros durante mais de uma semana, eu ficaria deveras embaraçado. Diria que se trata de uma festa tradicional em que há fantasias, máscaras, homens vestidos de mulher, mulheres menos vestidas de mulher do que de costume, blocos, desfile de criancinhas na passarela do Municipal, sensível aumento do número de defloramentos, sem falar nas que não deram queixa, assassinatos, cortejos dos préstimos, eleição de rainha, etc., etc. A primeira vista trata-se de uma coletiva explosão de desrecalque. O verbo que todos empregam para designar a participação carnavalesca é "brincar".

— Brincou muito no carnaval? pergunta o amigo. Sim, brincou. E então conta o baile em que esteve, as coisas que praticou e as que viu. No ano passado elas foram publicadas. Neste ano houve uma proibição, não de fazer aquelas coisas, é claro, mas de publicá-las. O pai de família também brincou. Levou a criança para ver os préstimos na avenida. A menina de tres anos, de havalana, estava um amor. O prefeito também brincou. O artista americano Rock também andou brincando com uma artista brasileira. E por aí se vê que o termo ganhou uma extensão enorme em prejuízo da clareza. Carnaval será então um dia em que o verbo brincar ganha significações que nenhum dicionário previu. De onde se tira, aparentemente, que é festa anárquica, prazer polivalente, dias de desatar os tolhimentos, de esquecer as coisas sérias da vida. Mas o tom do locutor da televisão, que ouvi de longe, dá a impressão de uma manobra militar de alta relevância.

— Atenção! Atenção amigo telespectador! A TV-Tupinambá vai fazer a cobertura completa do carnaval carioca, Atenção!

Os jornais usam nesses dias os termos "folguedo" e "folião", mas é fácil verificar pelo contexto que o tom das notícias é ainda mais grave e catadrático do que o das crônicas do turfe ou do futebol.

Leio: "Mais de mil pessoas aplaudiram as crianças ricamente fantasiadas que desfilaram ontem na passarela do Municipal". Em outro ponto: "Escola de Samba de Mangueira salvou o carnaval paulista". Ou então, com severidade: "Atraso e desorganização no desfile das sociedades". Num canto de página: "Cinquenta pessoas fizeram retiro fechado na igreja do Carmo na Lapa, preferindo a meditação e o repouso espiritual ao carnaval". Mas logo abaixo: "Com a predominância das fantasias leves, ideais para o verão carioca, como baby-doll e bailarina, o baile do Iate Clube iniciou ontem o carnaval da zona sul".

Tudo isto indica, sem sombra de dúvida, que carnaval é coisa séria. O prefeito compareceu no Municipal e foi visto oficial e carnavalesco, a animar os folguedos na grande artéria da capital. Conversando com a lavadeira, conclui que é mais séria do que imaginava pela leitura das folhas. Ela vai ao carnaval. Vai cansar-se muito mais do que no tanque, mas sentir-se-á infeliz, esbulhada, se não tiver a folga para cumprir seu dever no carnaval. E não pensen que ela é dessas que vão dar ao verbo brincar significações perigosas. Não. A lavadeira é casta. Tem mais de cinquenta anos e gosta de beber. Bebe no natal ou na páscoa. No princípio ou no fim da semana. Mas no carnaval não bebe. A copeira que é mais moça e tem namorado, também não pode faltar aos folguedos, e combina pelo telefone encontros com as colegas num tom parecido com o das patroas. Carnaval, minha gente, parece brincado, mas é coisa séria. É uma espécie sutil de obrigação. Nesses poucos dias o povo sente uma harmonia social, uma solidariedade de que se sente frustrado todo o ano, e não pode deixar de dar seu irrestrito apoio. O prefeito também tem obrigação de comparecer. Os técnicos de rádio e televisão também. Dos jornalistas nem se fala. Estão todos de serviço, inclusive o bom pai de família que pecaria por omissão se não fizesse a despesa e não levasse a criança e ver os préstimos.

Certos autores, na tentativa de

aprender a unidade que a diversidade do fenômeno esconde, pretendem que só mereça a denominação uma parte do fenômeno, que é a genuína. Para Raquel de Queiroz, por exemplo, só há carnaval autêntico, sincero e puro, para os negros. Branco é penetra, é desmancha-prazeres que não entende a significação da profunda e inocente seriedade do carnaval. Depois de tantos séculos de exílio, a alma africana dependura a harpa do salgueiro e canta a pátria perdida. Para mim, tal teoria é mais engenhosa do que verdadeira, e é de outro modo que se restaura a unidade de tão heteroclitos elementos. Não preciso da África para explicar a tristeza profunda do carnaval, basta-me o próprio Brasil. Carnaval é para o povo um tempo de soerguimento da personalidade, uma semana de importância, uma semana em que ganha dimensões de cerimonial, de rito, aquele instinto de existir, de ser, de importar, que na política toma aspectos desconcertantes. O povo sente uma espécie de união, de solidariedade e de relevância. O jornal se ocupa dele. A televisão faz a cobertura, cobertura completa. O elegante burgomestre comparece e distribui prémios e sorrisos.

O povo faz como as crianças que querem chamar a atenção sobre si. Faz gracinhas de criança esquecida. E sempre consegue captivar a atenção das gazetas, das estações de rádio e das autoridades do país. Grande semana! Valeu a pena, no dia seguinte, ouvir a lavadeira contar o que viu na avenida. Valeu a pena notar o ar de triunfo, de maioridade cívica, com que enunciou nomes de cordões e apreciações sobre os carros alegóricos. Grande semana!

Acabou. Sempre achei misteriosa a nitidez da determinação do carnaval. O começo já deixou de ser bem definido, mas isto entende-se, porque a preparação da solenidade é sempre maior do que seu desempenho. A terminação é nítida. Sem nenhuma proibição explícita, a não ser creio eu para as fantasias o carnaval pára de repente no limiar da quaresma. Como todo rito, termina onde tem de terminar. Com seriedade. E agora é voltar tudo à rotina dos dias até o ano que vem. A bem dizer não estamos na quaresma, e sim nos tempos depois de Carnaval. Não há, propriamente, espírito de penitência e contrição, e sim saudade e ressaca.

Recomeça a vida rotineira, depois do carnaval. Os relapsos que fugiram ao dever carnavalesco dessem a serra de Petropolis e vem retomar os negócios, as atividades que tinham flodado para depois do carnaval. Os dirigentes contam agora com a paciência do povo. Paciência para esperar o ônibus, paciência para esperar a água, paciência para esperar na calçada, quarenta e oito horas sem dormir, matrículas para os filhos. Deu-se ao povo um pouco de importância, um pouco de existência, um pouco de atenção. Deu-se até dinheiro para os grupos e sambas. Que mais pode ele querer?